

# A pandemia da desigualdade

Juliana de Aquino da Fonseca Doronin<sup>1</sup>

Silvana Maria Corrêa Tótorá<sup>2</sup>

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo<sup>3</sup>

Difícil se inspirar  
Em fazer poesia  
Enquanto milhões morrem  
Todos os dias,  
Pela pandemia!

Já são mais de cem milhões  
De famílias enlutadas  
Pela Covid-19  
No Brasil  
Como uma praga!

Eita, vírus violento,  
Nunca visto na história.  
Só lembramos quase assim,  
Da “danada”,  
Da gripe espanhola!

---

<sup>1</sup> Assistente Social; Mestre em Ciências Sociais (UEM) e atualmente bolsista do CNPQ como doutoranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PUC-SP). E-mail: [julianadoronin@hotmail.com.br](mailto:julianadoronin@hotmail.com.br).

<sup>2</sup> Orientadora; Professora Doutora do Departamento de Política e dos programas de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais e de Gerontologia da PUC-SP; Pesquisadora do Núcleo de Arte, Mídia e Política - NEAMP - do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP e orientadora da primeira autora.

<sup>3</sup> Historiadora com pós-doutorado em História (UFCG) E-mail: [giovannaaquino@ig.com.br](mailto:giovannaaquino@ig.com.br), contribuiu com a revisão textual.

O ano de 2020 paralisou,  
Está passando sem percebermos...  
Diante do isolamento,  
Do distanciamento,  
E do esgotamento!

As pessoas aprenderam  
Que higiene é fundamental.  
O uso de máscara e álcool em gel  
Tornou-se essencial  
Para sociedade desigual!

Em cada canto do mundo  
O vírus chegou  
Matando muita gente,  
E deixando outros “cegos”,  
Também, pela falta de Amor!

As pessoas se distanciaram  
E finalmente puderam perceber  
O quanto um abraço sincero  
É importante  
Para seu bem viver!

O comércio fechou suas portas,  
As pessoas ficaram desempregadas,  
Os governos perdidos nas ações,  
Vivemos o hoje,

Sem boas emoções...

Mas parece um recado  
Do nosso criador,  
Que precisávamos parar,  
Para simplesmente,  
Sentir muita dor!

Pois precisávamos recuperar  
Valores essenciais:  
O amor por nós mesmos,  
O amor ao próximo,  
Com exagero!

Estávamos muito paralisados,  
Olhando para o nosso umbigo,  
Sem percebermos o quanto  
Esse mundo é lindo,  
Mas pouco verdadeiro!

As pequenas coisas  
Tornaram-se essenciais,  
Como acordar todos os dias,  
Cultivar a natureza,  
E deitar sem agonia!

A agonia do relógio  
Que nos escraviza há muito tempo.  
Quando o tempo começou,  
A ser calculado para o trabalhador,  
Pelo dono do dinheiro!

Aprendemos muita coisa  
Nesse tempo que paramos.  
Por exemplo a reconhecer  
O tempo que perdemos  
Sem ao menos viver!

É na dor que aprendemos  
Algo que nos faz sofrer,  
Mas ao mesmo tempo nos faz refletir,  
Inclusive do medo de morrer,  
Sem ao menos se despedir!

A morte passou a ser  
O inimigo da vez.  
Como se não fosse condição,  
Aos que vivem com  
Ou sem lamentação!

Uns costumam dizer  
Que todos estão “no mesmo barco”.  
Eu prefiro dizer  
Que de fato,  
Todos estão enlutados!

Porém, sobre as “navegações”,  
Usadas como metáfora,  
Cada um tem a sua,  
Dependendo do capital,  
Que ele ou ela possua!

A pandemia evidenciou  
A desigualdade social  
Das comunidades,  
Das periferias,  
Das cidades!

O trabalho é importante,  
E significa o homem.  
Porém na pandemia,  
Tornou-se necessário,  
Mas fora de alcance!

Pois muitos queriam trabalhar  
Para o sustento à sua família levar.  
Mas foram impedidos  
Pelas autoridades,  
E pelo vírus!

Em contrapartida, o Estado,  
Oferece um dinheiro picado  
Seiscentos reais  
De ajuda financeira  
Para os “desiguais”!

Essa história é antiga,  
E começou na colonização.  
Agora no covid,  
Apareceu com exaltação  
Mas ainda pouca exatidão!

Todos têm direitos iguais,

É o que diz a legislação.  
Porém a urbanização divide  
Os que têm “posse”,  
Dos outros que não tem não!

Comecei dizendo  
Do quanto era difícil  
Fazer poesia  
Nos tempos que estamos vivendo  
De pandemia!

Mas depois me lembrei  
Que a poesia serve para impactar.  
E não é mágica,  
Nem mentirosa,  
Em nenhum lugar!

Ela é linda e sedutora,  
Mas também é verdadeira  
Original como ela,  
Só roda de capoeira,  
E frutas na feira

Onde cada um,  
Na sua singularidade,  
Se expressa do seu jeito,  
Pelos versos transformados,  
E impactando os sujeitos

Foi isso que quis trazer:  
Um pouquinho dessa arte.  
Aqui trazendo elementos,

Sem esconder a realidade  
Da cultura, cidade e sociedade!

E assim, quem sabe,  
Aproveitamos esse tempo  
Para de fato refletir,  
Começando a transformar nosso entorno,  
E mudar nossa realidade!

Para as famílias enlutadas,  
Desejo força daqui pra frente.  
E não deixem de falar,  
Sobre os que não estão,  
Mais aqui presentes!

Desejo que essa pandemia  
Passe logo sem muitos estragos.  
Mas que os já provocados  
Sejam, de fato,  
Ora experimentados!

Pois o medo pode nos paralisar,  
Mas também pode nos reinventar  
Criarmos estratégias  
De forças que envergam  
Para tudo superar...

Quem sabe um dia,  
Contaremos essas vivências,  
Como um grande aprendizado,

De luta pela sobrevivência,  
Com bastante resistência!

Vamos cá nos despedindo,  
Na esperança da vacina chegar,  
Que não tem dia nem hora,  
E ainda critérios para aplicar,  
Depois que terminar de testar!

Qualificando nosso tempo,  
No presente experimentando,  
E vivendo cada minuto,  
Como se fosse o derradeiro,  
Sem “desistimento”!

Fim.